

ROBERT BRYNDZA

ANTES DE
DIZER ADEUS

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

Para Sally

Três podem guardar um segredo se dois estiverem mortos.

Benjamin Franklin

1

Como é possível que o pior dia da minha vida tenha começado tão bem? Nada de transcendentemente entusiasmante aconteceu nesse domingo sonolento. Foi apenas um daqueles deliciosos dias de indolência: dormir até tarde, bom sexo, café, uma *frittata* e jornais junto à lareira. Um profundo contentamento e felicidade com o meu marido, Will. Quando as cinco horas chegaram e tive de me preparar para o trabalho, foi difícil afastar-me.

Estava frio quando saí para o caminho do Thames Embankment. O Sol poente brilhava sobre os apartamentos de tijolo vermelho do outro lado do rio e a água adquiria um tom retinto ao crepúsculo.

Virei-me de novo para a casa. O Will estava à janela do andar de cima, o seu cabelo castanho despenteado, a reluzir à luz do quarto. Usava as suas calças de fato de treino de domingo com uma velha camisola de capuz dos Nirvana e embalava um pequeno gato branco nos braços. A *Luna* era uma gata vadia que ele tinha vindo a alimentar, e tínhamos acabado de discutir a instalação de uma porta para gatos, mas, como em todas as nossas discussões, tive de interromper para ir trabalhar.

Soprou-me um beijo e fez a *Luna* acenar-me com a pata. Parecia tão contente. Delirantemente contente é como sempre recordarei essa última visão dele. Acenei-lhe e depois parti a passo acelerado rumo ao metro. Podia ouvir o som da corrente ao passar, à medida que a maré virava e o vento me trespassava. Curvei-me,

estremecendo no meu casaco. Na semana seguinte, a hora atrasaria, o que significava que a minha viagem para o trabalho não tardaria a ser feita no escuro. Era tempo de desenterrar o meu casaco de inverno.

Vivíamos numa casa geminada num pátio tranquilo à beira-rio em Bermondsey, um sítio absurdamente caro para se viver. O Will vem de uma família rica e a casa foi o nosso presente de casamento. A minha mãe deu-nos um conjunto de facas para carne, o que dá uma ideia da diferença das nossas raízes. Claro que estou muito grata por tão generoso presente. O Will e eu estamos casados há vinte e quatro anos, mas a mãe dele, Marelle, gosta de me ir relembrando a sua generosidade.

Foi uma curta caminhada até à estação de metro de Bermondsey e a carruagem vazia estava tranquila ao percorrer as quatro estações até Westminster. Pensei na *Luna* e em toda a situação com a porta para gatos. Podia imaginar a conversa da Marelle com o Will.

«William, a Maggie nunca quis ter filhos... Não poderá certamente opor-se a um gato?»

Ou...

«William, tenho todo o gosto em pagar uma porta para gatos. Sabe Deus que teria tido todo o gosto em pagar um quarto de bebé, se ela me tivesse dado oportunidade.»

O tema dos filhos lançou uma longa sombra sobre o nosso casamento. A verdade é que nunca os quis. Nem o Will. Conheci-o na faculdade de medicina há vinte e nove anos e, quando as coisas começaram a ficar sérias, deixei muito claro esse elemento das nossas vidas em conjunto. Queria ser médica desde que me lembrava e, ao longo dos anos, à medida que ia subindo na hierarquia até me tornar chefe de residentes, nunca me arrependi da decisão. No entanto, ao envelhecermos e depois de o Will trocar a sua carreira na medicina forense pelo *design* de propriedades, senti que a sua posição tinha mudado. Viu o seu irmão mais velho, Hugo, ter filhos, e a sua irmã debater-se durante muito tempo para conceber. Além disso, Will vem de uma família que dá muita importância a deixar um legado. Tenho agora quarenta e sete anos, pelo que o meu tempo para conceber naturalmente, sem fertilização *in vitro*, está basicamente esgotado, o que me faz sentir aliviada.

Era suposto irmos visitar a Marelle no próximo fim de semana para um almoço na sua casa de campo. A inevitável conversa sobre a gata voltar-se-ia, sem dúvida, para o tema dos filhos. Se eu me opusesse à ideia de adotar a *Luna*, seria mais uma prova para a Marelle da minha aversão a crianças. Se aceitasse, julgaria ela que seria o derradeiro prego no caixão do seu desejo de termos uma família? Sabia que ainda albergava esperanças de que eu mudasse de ideias e pensasse em fazer fertilização *in vitro*. Falar com a Marelle era como jogar xadrez ao nível de um grande mestre – parecia estar sempre várias jogadas à frente. Tinha de saber em que estava o Will a pensar para não cair numa emboscada.

Apesar de estar frio e escuro, a Ponte de Westminster estava movimentada, e eu parecia ser a única pessoa a atravessar para norte contra uma maré de turistas a tirar fotografias. O ar frio vindo do rio fazia-me lacrimejar e, no exato momento em que erguia o olhar, o Big Ben deu o quarto de hora. O brilhante mostrador do relógio e a altaneira fila de janelas das Casas do Parlamento fulguravam de amarelo e refletiam-se na água. Apesar de fazer esta viagem todos os dias, a nortenha em mim ainda se sentia entusiasmada ao ver estes famosos marcos londrinos.

Apressei-me a atravessar, não querendo chegar atrasada ao início do meu turno, às seis e meia, e subi os degraus do vasto complexo hospitalar Guy's and St. Thomas. Esbocei um aceno de boa noite às filas de pacientes estacionados junto à entrada principal em cadeiras de rodas, alternando entre baforadas dos seus cigarros e das máscaras de oxigénio, e apanhei um dos elevadores de serviço para o piso térreo. O Hospital de St. Thomas tinha recentemente remodelado o seu departamento de acidentados e urgências, resultando num espaço claro e moderno. A ala principal estava concorrida e vibrante. Quando cheguei à porta da sala de descanso, a minha amiga e colega Dra. Diane Kochanowski saiu apressadamente. Era alguns anos mais velha do que eu, no início dos cinquenta, com o cabelo cinza-ago muito curto e a pele morena.

– Ei, Mags, não há tempo para respirar. Vem um M10 a caminho. Cinco minutos. Um jovem com múltiplas facadas – anunciou ela, calçando um novo par de luvas de látex.

Todos os traumas e condições recebem um código. *M10* significava *trauma penetrante, ferimento de bala ou esfaqueamento*. Utilizávamo-lo com uma frequência deprimente.

Apressadamente, dirigi-me à sala de pessoal, guardei a minha bolsa no cacifo, mudei de roupa e desinfetei-me. Poucos minutos depois, saí para a ala no momento em que dois paramédicos passavam apressadamente por mim com um jovem a sangrar numa maca rumo à área de reanimação mais próxima.

Tinha um pressentimento de que ia ser uma noite agitada.

2

O jovem parecia estar em finais da adolescência. Tinham-lhe cortado as roupas da parte superior do corpo, e o seu peito e estômago eram uma confusão de ligaduras de compressão ensanguentadas.

Segui-os até à área de reanimação e, com a rapidez da prática, erguemos o jovem para a mesa de exame. A minha equipa para este turno era a Diane e dois enfermeiros de trauma, o Raj e a Kelly. Há anos que trabalhava com o Barry, o paramédico responsável. Tinha um agudo sotaque irlandês à Ian Paisley que não combinava com as suas duras feições de urso.

– O nome do rapaz é Kyle Lewis. Tem quinze anos. Tem sete facadas no peito e abdómen – disse ele.

O jovem estava semiconsciente e respirava com dificuldade, o rosto franzido de dor. Tinha a cabeça rapada e as faces magras, encovadas. Lágrimas escorriam-lhe por entre a sujidade do rosto.

– Não consigo... respirar – crocitou.

– Kyle. O meu nome é Maggie. Sou médica. Estás em segurança – disse eu, erguendo suavemente o monte de ligaduras ensanguentadas do seu peito. As facadas eram profundas, do que parecia ter sido um ataque frenético. A sua respiração estertorosa indicava um pneumotórax, o que significava que lhe estava a entrar ar nos pulmões pela ferida perfurante no peito, e uma grande quantidade de sangue jorrava de uma facada junto ao coração. – Seis unidades

de O negativo, quarenta e cinco miligramas de morfina – indiquei eu. O Raj e a Kelly entraram em ação, introduzindo linhas intravenosas, sangue e fluidos. Os olhos do rapaz arregalaram-se e o seu corpo começou a tremer violentamente. Ouviu-se um longo sinal sonoro no momento em que o monitor registava uma paragem cardíaca, e vi que tinha parado de sangrar. Tinha uma facada no peito muito perto do coração.

– A faca roçou-lhe o ventrículo direito? – perguntou a Diane.

– Acho que sim – respondi eu, aproximando-me. O tom surdo dos seus sinais vitais a parar entranhava-se na minha cabeça. Tinha de pensar depressa. Se a câmara que bombeava sangue em torno do órgão tivesse sido roçada ou cortada, o aumento na pressão arterial quando eu tentasse reiniciar-lhe o coração podia aumentar o rasgão e causar danos irreparáveis.

Não havia tempo para o transferir e preparar para uma cirurgia. Tinha de tomar uma decisão.

– Preciso de um pacote de toracotomia completo, para uma toracotomia bilateral anterior. Preparem-no do lado direito – instruí. Era uma cirurgiã experiente, mas uma toracotomia bilateral anterior de emergência era uma intervenção delicada e arriscada. Envolvia abrir uma secção do peito e realizar uma cirurgia cardíaca improvisada. O Raj e a Kelly apressaram-se a entubar o Kyle. Não havia tempo para anestesia, mas tinham de estar a postos com a sedação se ele recuperasse a consciência. No espaço de segundos, a Diane tinha o *kit* de material esterilizado pronto. Continha uma serra de Gigli, um instrumento para cortar osso composto por um longo e fino fio de aço serrilhado com uma pega em forma de T em cada ponta, pinças, fórceps, um bisturi e uma tesoura para ossos.

Cinco centímetros abaixo do mamilo direito do Kyle, fiz uma incisão de dez centímetros através da sua pele e camadas musculares. Com dois movimentos limpos – esquerda, direita – usei a serra de Gigli para separar as costelas. A Diane estava a postos com o grampo de metal e introduziu-o na incisão. À medida que o grampo se expandia, afastando as costelas e abrindo a cavidade, um manancial de sangue subiu, transbordando-lhe para o peito.

Com tanto sangue, era provável que a faca lhe tivesse penetrado o coração. Uma facada no coração era quase sempre fatal. O rapaz

estava imóvel, de olhos fechados. O seu peito e tronco estavam um desastre, mas o seu rosto ainda estava entre o rapaz e o homem – simultaneamente forte e vulnerável. Morrer tão jovem seria um desperdício tão grande. Imaginei-o totalmente recuperado e com um fato vestido, talvez para o seu casamento ou para o primeiro dia de um novo emprego. As suas cicatrizes podiam ser o seu segredo. O seu rosto intocado pelo ataque.

– Kyle, fica connosco. Não vais morrer – disse eu.

O Raj puxou a luz diretamente para cima de nós para eu poder ver claramente o interior da cavidade torácica do Kyle. Tinha de trabalhar rápida e cuidadosamente com o bisturi, cortando camadas de músculo e nervos, o esterno e depois o saco em redor do coração. A Diane desviou suavemente o pulmão do rapaz e eu pude finalmente ver-lhe o coração. Estava certa. O esfaqueamento tinha-lhe lacerado o órgão, abrindo o ventrículo direito. O Raj, a Kelly e a Diane estavam em ação, e trabalhámos fluidamente, sem ter de falar. Introduziram um tubo de sucção e drenaram rapidamente a cavidade torácica, após o que eu dei quatro rápidos e impecáveis pontos no músculo cardíaco para selar o ferimento.

A intervenção tinha demorado ao todo quatro minutos.

A máscara estava a bombear oxigénio para os pulmões do Kyle, mantendo-lhe o cérebro vivo. Estendi os dedos para verificar o resto do coração e comecei a palpar suavemente o órgão com a minha mão enluvada. Senti um estremecimento no músculo. O seu músculo cardíaco deu um espasmo e começou a bater fortemente.

– Jesus Cristo. É dos duros – observei eu. Tinha visto muita coisa ao longo da minha carreira médica, e realizado mais de uma dúzia de toracotomias de emergência, mas era a primeira vez que um coração recomeçava a bater nas minhas mãos enluvadas.

Geralmente, é preciso um choque para reiniciar um coração. Ele recomeçou a respirar sozinho e o seu rosto ruborizou-se. Permiti-me um breve segundo de alívio e euforia.

– Vamos fechá-lo e prepará-lo para os cuidados intensivos – disse eu. – Bom trabalho, pessoal.

Ia sobreviver.